

2019

## Meandros Tecnológicos. Breve introdução à ficção científica de Ivan Carlos Regina

Karina Elizabeth Vázquez  
*University of Richmond*, kvazquez@richmond.edu

Follow this and additional works at: <https://scholarship.richmond.edu/lalis-faculty-publications>



Part of the [Latin American Literature Commons](#)

---

### Recommended Citation

Vázquez, Karina Elizabeth. "Meandros Tecnológicos. Breve introdução à ficção científica de Ivan Carlos Regina." In *O Éter Inconsútil – O Fruto Maduro da Civilização*, by Ivan Carlos Regina, 7-14. São Paulo: Patuá Editora, 2019.

This Book Chapter is brought to you for free and open access by the Latin American, Latino and Iberian Studies at UR Scholarship Repository. It has been accepted for inclusion in Latin American, Latino and Iberian Studies Faculty Publications by an authorized administrator of UR Scholarship Repository. For more information, please contact [scholarshiprepository@richmond.edu](mailto:scholarshiprepository@richmond.edu).

> MEANDROS TECNOLÓGICOS  
BREVE INTRODUÇÃO À FICÇÃO CIENTÍFICA  
DE IVAN CARLOS REGINA

+ Para alguns críticos especializados em ficção científica brasileira, as transformações produzidas na sociedade, em razão das políticas de industrialização e de desenvolvimento econômico implementadas pela última ditadura militar (1964-85), constituem uma base (Ginway 2004)<sup>1</sup>, a partir da qual é possível identificar momentos estéticos específicos no gênero, marcados pelo seu posicionamento frente à tecnologia: imediatamente antes (década de 1960), durante (1970) e depois da aplicação de medidas políticas (1980) que significaram uma crescente modernização tecnológica da sociedade brasileira.

A narrativa de Ivan Carlos Regina ocupa um lugar importante no conjunto da ficção científica brasileira, desde os anos oitenta até o presente. Sua proposta estética corre por caminhos próprios que o conjunto de escritores desse gênero tem demarcado ao longo de décadas, nas quais preocupações de cunho ideológico, social e cultural têm sido prejudicadas com

1. M. Elizabeth Ginway. *Ficção científica brasileira: mitos culturais e nacionalidade no País do Futuro*. São Paulo: Devir Livraria, 2005.

questionamentos de estilo estético. Porém, ao mesmo tempo, sua narrativa avança por linhas e modelos temáticos divergentes que conduzem à leitura reflexiva e crítica dos paradigmas defendidos pela sociedade moderna.

Por essa razão, a ficção científica no Brasil e, em particular, os relatos de Regina, nos põem mais uma vez diante do que os estudiosos do nível de Antonio Candido (1969) ou Roberto Schwarz (1992) têm analisado em detalhe sobre a formação da cultura brasileira: a complexa relação entre a heterogeneidade cultural latino-americana e as culturas *centrais* europeia e norte-americana. A preocupação com a tensão ou os conflitos gerados pelas definições do que se considera como *nacional* ou *próprio*, em um conjunto cultural amplo e dinâmico, tem estado presente na ficção científica brasileira, pela forma como esse gênero tem se posicionado frente à ciência e à tecnologia.

Não obstante, seguindo-se a proposta de Rachel Haywood Ferreira<sup>2</sup>, para quem a categoria de ficção científica poderia aplicar-se a um conjunto literário mais amplo, que data da segunda década do século 20, é possível anular certa tendência crítica que entende esse gênero no Brasil como uma proposta estética que responde aos questionamentos sobre as influências culturais e estéticas, única e, fundamentalmente, desde a consideração de sua posição periférica, frente às hegemonias político-culturais. A óptica proposta por Ferreira coloca o foco da discussão nas formas como as categorias literárias, neste caso a de *gênero*, são ferramentas para a reconfiguração contínua de mapas de significação cultural, no interior dos próprios sistemas socioculturais. Essa mudança de perspectiva permite notar que, além da discussão estético-política sobre o peso das influências, a ficção científica constitui uma proposta literária que articula discursos diversos sobre um conteúdo político, histórico e social determinado.

2. Rachel Haywood Ferreira. *The emergence of Latin American science fiction*. Middletown: Wesleyan University Press, 2011.

Dessa maneira, a narrativa de Ivan Carlos Regina estaria inserida em um conjunto mais amplo de ficção científica que abrange desde as sociedades sul-americanas aos efeitos da modernidade. Da mesma forma que outros gêneros literários e outras práticas culturais, a ficção científica tem correspondido fundamentalmente às conseqüências que a incorporação do componente tecnológico teve na vida cotidiana, tanto no campo das relações do trabalho e da prática laboral como no das relações amorosas, passando pelo das transformações nas pautas de consumo. Trata-se de uma mudança do mundo industrial, em uma escala maior, e do seu impacto na organização do trabalho, nas tecnologias de gestão, na vida cotidiana, em sua reprodução material e no desenvolvimento psicoemocional individual e coletivo.

Aqui é pertinente notar uma diferença importante na ficção científica de Ivan Carlos Regina, relativamente à norte-americana. Seu uso neobarroco da linguagem, a prosa fragmentada e o tratamento semântico do corpo, a abundante presença de referências científicas e tecnológicas, sob a perspectiva crítica, o distinguem do tupinipunk (Ginway 2004), do cyberpunk norte-americano (Hollinger 1991) e o emolduram em um cyberpunk que reúne a crítica do neobarroco latino-americano (Vázquez 2012). Continuando o esboço do *Manifesto antropófago* (1928), de Oswald de Andrade, em seu *Manifesto antropofágico da ficção científica brasileira* (1988), Regina postula que no Brasil esse gênero deve apelar para a diversidade, a experimentação com a linguagem, o humor, a mistura e a contracultura. Isso se observa claramente em seus contos, que se diferenciam marcadamente do cyberpunk norte-americano.

De forma esquemática, as diferenças estéticas mais marcantes, entre o cyberpunk brasileiro e o norte-americano, se concentram em torno da ênfase diferencial que cada um põe na representação do conjunto, o tom ou os atributos críticos das vozes e dos personagens, a estrutura narrativa e o olhar

reflexivo sobre os efeitos da modernidade na realidade cotidiana. Enquanto o cyberpunk norte-americano se apoia na referência textual a implantes, sexo e discurso científico, através de uma prosa fragmentada que apenas articula um tom irônico sobre a condição pós-moderna, o cyberpunk brasileiro e, em particular, o de Regina, se sustém na presença forte da ambigüidade, na hora de discernir entre o biológico e o sintético, cruzando e questionando tanto a definição daquilo que se considera *natural*, como o ritmo progressivo com o qual a ciência tem respondido à irrefreável vontade humana de lograr a imortalidade e o conhecimento total das coisas. Por essa razão, uma das outras diferenças importantes, entre ambas as manifestações da ficção científica, é que, no cyberpunk brasileiro, a ciência é referencial e se encontra situada, por contraste, entre uma presença enfatizada e mutuamente contingente do sexual e do social. Dessa maneira, na prosa fragmentada, que caracteriza especialmente os contos de Regina, a ironia e a paródia dão mais um passo e se transformam em uma fotografia satírica daquilo que a sociedade parece não ver, que observa, porém faz que não vê, que ainda não consegue visualizar em seu horizonte ou, no pior dos casos, prefere não ver como possível, porque já é um fato lamentável.

Pode-se dizer que a ficção científica de Regina propõe uma visão muito particular da realidade brasileira e latino-americana, na qual se forma, de maneira estética, um conjunto de perguntas e preocupações que mesclam a perspectiva de estudiosos da cultura brasileira, como Schwarz e Candido. Na ficção de Regina aparecem o tema das influências, as dimensões e as contradições de um nacionalismo cultural ancorado na persistência de mitos que, unidos a uma visão acrítica do progresso tecnológico e industrial, podem perpetuar situações de desigualdade social e de gênero.

O leitor familiarizado com a obra de Regina reconhecerá, nos novos contos desta edição, os temas característicos desse

autor, presentes na sua coletânea *O fruto maduro da civilização* (1993): o impacto social e individual questionável do caráter universal da ciência e da tecnologia, os efeitos irreversíveis da exploração dos recursos naturais e a imposição dos paradigmas de consumo. Desse modo, esta edição completa dos seus relatos proporciona ao leitor de ficção científica uma série de relatos inéditos que amplia a já aguda visão de suas histórias sobre esse passado que já foi futuro e sobre esse futuro que já é presente.

Os relatos aqui reunidos geram novas perguntas e propõem novas mensagens que evidenciam, uma vez mais, as possibilidades da literatura para reverter, do plano ideológico-cultural, uma história na qual o conhecimento científico e os avanços tecnológicos são coadjuvantes da expansão implacável do consumo e da desumanização das relações sociais. O leitor de Regina poderá observar, nesta coleção, que a seus persistentes questionamentos de caráter ético e moral, sobre o impacto individual e coletivo dos avanços na ciência e na tecnologia, se agrega uma visão sobre as instituições. Essas são configuradas nos padrões de relação entre os seres humanos: homens, mulheres, crianças, idosos, profissionais, enfermos, necessitados, e entre todos esses e a natureza.

O leitor, então, além de encontrar-se com a já característica crítica ao consumo, à presença indiscriminada da tecnologia e seu papel na precarização das condições de trabalho, presente em muitos contos de Regina de *O fruto maduro da civilização*, se vê agora frente a um cenário mais amplo e detalhado. Nele se sobressaem as transformações nas identidades de gênero-classe, causadas pelos novos padrões de relação entre indivíduos e entre seres humanos e natureza, a partir da presença quase *incontestável* da tecnologia. A percepção dos corpos, do tempo produtivo, do prazer e do lazer, assim como a relação física e emocional entre os seres humanos e o meio ambiente aparecem nos universos de Regina para mostrar-

nos o conjunto de contradições que nos constituem individual e coletivamente.

Sem dúvida, para o leitor crítico, a ficção científica que dentro da categoria do cyberpunk se transforma em uma estética da tensão, renova os questionamentos no campo intelectual e cultural sobre a tendência eurocentrista tanto das expressões estéticas quanto das leituras da realidade. Sob uma perspectiva mais focada nos efeitos da leitura, pode-se considerar que seus universos propõem a revisão da História, do seu caráter *irreversível* e da necessidade de se pensar e agenciar a mudança social. Trata-se de uma proposta de leitura que pretende revisar o presente, pensando no futuro, mas também no passado.

A modificação física e biológica do corpo humano, suas conseqüências emocionais nos indivíduos e seu efeito negativo no corpo social são algumas figurações típicas da ficção científica que, no universo de Regina, adquirem significações críticas sobre o trajeto que a humanidade parece percorrer, de maneira indômita e acelerada, no caminho da desumanização. Já em sua coleção de relatos *O fruto maduro da civilização*, a tríade ciência, tecnologia e consumo dirige a atenção do leitor para os conflitos de ordem ética e moral que apresentam as situações de ajustes-desajustes emocionais nos indivíduos, mas também nas relações sociais, fundamentalmente as relações entre homens e mulheres, e aquelas que se produzem no campo de trabalho.

Nesta edição, relatos como *O inesperado harém do comportado Olavo*, *Amor, que seja eterno enquanto dure*, *Trágico engano*, *O senhor Info e dona Ninfa*, por exemplo, abordam temas como a identidade feminina, a construção emocional da intimidade, no seio de relações de gênero, que vêm sendo constantemente transformadas pelas possibilidades tecnológicas, e a forma como essas transformações físicas deixam intactas relações de poder tradicionais. Contrariamente ao observado no cyberpunk norte-americano, nesses relatos a fusão entre

corpo e máquina, ou a transfiguração física, a partir da mutação genética e biológica, não são instrumentos para eliminar (mediante agentes, polícias ou detetives) o mal social, a não ser que um conjunto de sensações cibernéticas se converta em ferramentas de controle microsocial.

Junto aos corpos transformados emocional e fisicamente, mesmo através da manipulação biológica, tecnológica (como os implantes, os chips etc.) e alimentícia, aparece o consumo. Os relatos *Acúmulo de skinnot em Megamerc*, *Jack and Mack*, *Um homem porra-louca tempo demais*, por exemplo, mostram não só a *manipulação dos estômagos* como uma ferramenta do mercado, mas também colocam o consumo como um recurso para a transformação física e emocional do corpo político. Essa é uma crítica central na ficção científica de Regina, na qual o autor recorre a uma estratégia de narrativa específica: a presença textual de registros verbais diversos. Como se pode observar em *A derradeira publicidade do hebefrênico Alfredo*, a intercalação de discursos pertencentes a outros gêneros da linguagem, tais como a linguagem publicitária, laboral e administrativa, científica e estatística, compõe uma narrativa polifônica que revela a forma de tensões criada pela ânsia dos humanos para deixarem de ser seres vulneráveis. Relatos como *Pode acontecer a você na noite de Natal* e *Ressucitol* mostram realidades de um conforto quase atávico, que conduzem o leitor a se questionar de que maneira os seres humanos chegaram a ser-padecer isso que são.

Em conclusão, poder-se-ia dizer que o leitor encontrará aqui uma ficção científica que suplanta as críticas e os questionamentos sobre a conexão estética do gênero, com suas expressões norte-americanas. Provável resultado, decorrente mais da vontade que de uma obrigação de retratar, em sua narrativa, os preceitos do *Manifesto antropofágico...*, e de emoldurar-se em um cyberpunk crítico da realidade social, das identidades e dos mitos, a ficção científica de Ivan Carlos

Regina propõe ao leitor revisar as concepções culturais e políticas do que se entende por *indivíduo* na sociedade moderna. Não o faz apelando para a indagação sobre o interior dos seres humanos, mas sim propondo a seu público explorar reflexivamente as formas em que as buscas (material e metafísica) da eternidade, da imortalidade, do conhecimento, têm sido funcionais para o capitalismo. Paradoxalmente, é o gênero da ficção científica, escrito por Ivan Carlos Regina, o que propõe uma avaliação crítica da realidade social e da História, mostrando a importância de se aceitar a vulnerabilidade dos seres humanos frente à natureza, como se pode observar no relato *Amarelo e vermelho*.

Como nos seus relatos *Quem viver, verá!*, *Relatórios oriundos de Diran* ou *Jairzinho*, retrospectivamente, desde o presente até a conquista, e desde o futuro até um hoje, este autor questiona abertamente o caráter definitivo ou inalterável das ações dos seres humanos. Nesse sentido, e talvez confirmando o que foi destacado pelo crítico brasileiro Roberto Schwarz, é da América Latina, desde sua condição de *periferia*, que devem aprender as culturas centrais. A ficção científica brasileira, através do cyberpunk de Regina, talvez expresse esse distanciamento entre o corpo coletivo e a alma, que a onipresença da tecnologia desenfreada parece ter aprofundado.

KARINA ELIZABETH VÁZQUEZ  
UNIVERSITY OF ALABAMA